

Biblioteca Anarquista



Governo?

Ricardo Flores Magón

Ricardo Flores Magón
Governo?
12 de Fevereiro de 1914

<https://libcom.org/article/government>
publicada pela libcom em 24 de Setembro de 2005, escrito originalmente
em espanhol. Tradução por Solano Alves

bibliotecaanarquista.org

12 de Fevereiro de 1914

Tem gente que de boa fé faz a seguinte pergunta: como seria possível viver sem governo? E concluem dizendo que é necessário um chefe supremo, uma multidão de funcionários, grandes e pequenos, como ministros, juízes, magistrados, legisladores, soldados, carcereiros, policiais e carrascos.

Essa boa gente acredita que sem autoridade todos nós nos entregaríamos aos excessos, de modo que o fraco seria sempre a vítima do forte.

Isso só poderia acontecer neste caso: que os revolucionários, por uma fraqueza da guilhotina, deixassem de lado a desigualdade social. A desigualdade social é a fonte de todos os atos antissociais que a lei e os burgueses consideram crimes, sendo o roubo o mais comum desses crimes. Pois bem, quando toda a humanidade tiver a oportunidade de trabalhar a terra ou de se dedicar, sem a necessidade de trabalhar por salário, para poder sobreviver, quem tomará o furto como profissão da forma como se vê agora? Na sociedade que os libertários almejam, a terra e todos os métodos de produção não serão mais objetos de especulação de um determinado número de proprietários, mas sim propriedade comum dos trabalhadores e como antes haverá apenas uma classe: a dos os trabalhadores com direito de todos produzirem e consumirem em comum, que necessidade haveria de roubar?

Dirão que existem pessoas entregues ao ócio e que se aproveitariam do trabalho alheio para viver em vez de trabalhar. Eu vivi em diferentes prisões; Tenho falado com muitos ladrões, com centenas de ladrões; quase todos eles roubaram por necessidade. Não há trabalho constante: os salários são escassos, a jornada de trabalho dos trabalhadores é realmente exaustiva; o desprezo da classe proprietária pela classe trabalhadora é irritante; o exemplo de viver na ociosidade, no luxo, na fartura, no vício de não fazer nada de útil que a classe capitalista dá à classe trabalhadora, tudo isso faz com que alguns trabalhadores, por fome, indignação, ou como protesto individual contra a pilhagem de os burgueses, para roubar e se tornam criminosos, até o assassinato, para tirar o que é necessário para viver.

A profissão de ladrão definitivamente não é uma das mais felizes. Requer grande atividade e desperdício de energia por parte do ladrão, grande atividade e grande energia que em muitos casos é necessária para recuperar alguma tarefa; assim, para completar um roubo, o ladrão tem que vigiar sua vítima, estudar suas práticas, ter cuidado com policiais, planejar um mapa, arriscar sua vida ou liberdade, em ansiedade contínua,

sem limites neste caso de trabalho, e assumir que um o homem não vem a ele em busca de felicidade, mas forçado pela necessidade ou pela raiva de se ver na miséria, quando ao seu lado passam os ricos embriagados de vinho, de luxo, a boca retorcida pelos soluços da saciedade, vestidos de camurça e fino roupas, envolvendo em um olhar desdenhoso os pobres que sacrificam na oficina, na fábrica, na mina, no sulco . . .

A imensa maioria da população carcerária é composta por indivíduos que cometeram contravenções contra o patrimônio: roubo, estelionato, fraude, falsificação, etc., enquanto em uma pequena minoria de delinquentes, encontram-se presos com crimes contra as pessoas. Abolida a propriedade privada, quando se tiver todos os meios para escolher um trabalho que lhe agrade, mas que beneficie a comunidade; humanizar o trabalho em uma virtude que não vai afetar o patrão e enriquecê-lo, mas para satisfazer necessidades; devolver à indústria os milhares e milhares de trabalhadores que hoje encurralam o governo em seus gabinetes, nos distritos e nas próprias prisões; todos serão postos a trabalhar para ganhar o sustento, com a poderosa ajuda de maquinário de todo tipo, será necessário trabalhar apenas umas duas ou três horas diárias para ter tudo em abundância. Haveria então quem preferisse o roubo a poder viver? O homem, embora o mais perverso, gosta sempre de atrair a estima de todos. Isso pode ser observado hoje, embora o modo como a humanidade vive enfraqueça os melhores instintos da espécie, e se assim for, por que não admitir que o homem estaria melhor na cavidade de uma sociedade livre?

No que se refere aos crimes contra as pessoas, a maior parte é produto da doença em que vivemos. O homem vive em constante estado de nervosismo e excitação; a miséria, a insegurança de ganhar o pão da manhã seguinte; os crimes de autoridade; a certeza de que é vítima da tirania política e da exploração capitalista; o desespero de ver a criança sem roupa, sem educação, sem futuro; o espetáculo, nada construído da luta de todos contra todos, que nasce especificamente do direito de propriedade privada, que facilita aos astutos e maliciosos acumular capital explorando os trabalhadores; tudo isso e muito mais enche o coração do homem de amargura, torna-o violento, raivoso e o incita a sacar um revólver ou uma adaga contra muitas vezes por questões triviais. Não existe sociedade em que a rivalidade selvagem entre os seres humanos satisfaça todas as necessidades, alivie os sofrimentos, abrande os temperamentos e fortaleça neles os instintos de sociabilidade e solidariedade. Todos são

tão fortes que, apesar das disputas mundanas de todos contra todos, não morreram nos seres humanos.

Não, não há necessidade de temer a vida sem governo; ansiamos por isso de todo o coração. Haveria, naturalmente, alguns indivíduos dados a instintos criminosos; mas a política se encarregaria de atendê-los, por mais doentes que estejam, porque esses pobres são vítimas de [atavismos], doenças herdadas de inclinações nascidas da raiva pela injustiça e brutalidade do ambiente.

Mexicanos: lembre-se de como viviam as populações rurais do México. O comunismo foi praticado nas cabanas rurais; autoridade não foi perdida; antes, ao contrário, quando se sabia que um agente da autoridade se aproximava, os homens fugiam para a floresta porque a autoridade só está presente quando são necessários homens para o quartel ou para contribuições para manter os parasitas do governo e mesmo assim a vida era mais tranquila naqueles lugares onde não se conheciam as leis nem a ameaça do policial com seu bastão.

Ninguém sente falta da autoridade, exceto para manter a desigualdade social.